

PSICOTERAPIA BREVE INFANTIL COM ENFOQUE HISTÓRICO-CULTURAL: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM SERVIÇO ESCOLA DE PSICOLOGIA

BRIEF CHILD PSYCHOTHERAPY WITH HISTORICAL-CULTURAL FOCUS: EXPERIENCE OF INTERNSHIP IN SERVICE SCHOOL OF PSYCHOLOGY

Carmem Virgínia Moraes da Silva 1

Resumo: Este trabalho relata uma experiência de estágio em psicoterapia breve infantil individual, com Enfoque Histórico-Cultural, desenvolvida por 08 estagiárias e 01 psicóloga supervisora em Serviço Escola de Psicologia, com atendimento de 16 crianças – aproximadamente 12 sessões e supervisões semanais com responsáveis e/ou criança e com representantes de instituições de vinculação da criança. A fase inicial objetivou o acolhimento e a avaliação do desenvolvimento; a fase intermediária focou na intervenção com a criança por meio de mediação da linguagem e sessão de orientação/psicoeducação parental; e a fase final dedicou-se ao encerramento. A experiência mostra a pertinência da modalidade breve, no âmbito acadêmico, por se adequar à limitação de duração do semestre letivo e evidencia o alcance do objetivo da intervenção, a promoção do desenvolvimento das crianças, com ênfase na participação dos responsáveis. O relato produz, ainda, um modelo inicial para a psicoterapia breve infantil com Enfoque Histórico-Cultural.

Palavras-chave: Clínica Infantil. Psicologia Histórico-Cultural. Psicoterapia Infantil.

Abstract: This work reports an internship experience in individual brief child psychotherapy, with a Historical-Cultural Focus, developed by 08 supervisor interns in the Psychology Services, with care for 16 children – approximately 12 sessions and weekly supervisions. Sessions with guardians and/or children and with representatives of institutions linked to the child. The initial phase aimed at welcoming and evaluating the development; the intermediate phase focused on intervention with the child through language mediation and a parental orientation/psychoeducation session; and the final phase focused on closure. The experience shows the relevance of the brief modality in the academic context as it adapts to the limitation of the duration of the academic semester and evidences the achievement of the intervention's objective, the promotion of children's development, with emphasis on the participation of those responsible. The report also produces an initial model for brief child psychotherapy with a Historical-Cultural Focus.

Keywords: Children's Clinic. Historical-Cultural Psychology. Child Psychotherapy

1 Pós-doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-doutorado do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto. Líder do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicologia da (UESB/NUPEP). Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB e docente permanente do Programa de Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde da Universidade Federal da Bahia - UFBA - IMS/CAT. Lattes <http://lattes.cnpq.br/0139351935811805>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4792-9939>. E-mail: carmem.virginia@uesb.edu.br

Introdução

O propósito deste relato é produzir informação sobre a experiência de Psicoterapia Breve Infantil (PBI), com Enfoque Histórico-Cultural, de forma referenciada e dialogada. Assim, o texto trata de uma “[...] vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção [...]” (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021, p. 65), de modo que a descrição se ampara, principalmente, nos registros do planejamento de uma atividade de estágio, nos registros das supervisões da professora responsável pela atividade e nas produções escritas das estagiárias sobre cada criança, no formato de relatório psicológico, de acordo com a Resolução nº 06/2019 (CFP, 2019). Os diálogos são propostos de modo a articular o que foi produzido no estágio com a literatura acerca da prática clínica infantil histórico-cultural (SILVA, 2022; CLARINDO, 2020; LIMA; CARVALHO, 2013; MARANGONI, 2007), os princípios teórico-metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural (VIGOTSKI, 1995, 1931-1997, 1933-2008, 2011, 1930-2014) e a PBI (OLIVEIRA, 2002, 2007, 2021).

A literatura sobre PBI não cita o Enfoque Histórico-Cultural como perspectiva teórico-metodológica nesse formato (OLIVEIRA, 2002, 2007, 2021), sinalizando, assim, a ausência de pesquisas na área, entretanto, delinea três modelos principais: modelo pulsional/estrutural (visão psicanalítica freudiana), modelo relacional (teoria das relações objetais e Psicologia do Self) e modelo integrativo ou eclético (OLIVEIRA, 2007, 2021).

A Psicologia Histórico-Cultural é responsável pelo enfoque porque norteia a prática, com subsídios teóricos para compreensão do processo do desenvolvimento da criança e também em termos de método de intervenção junto à criança, ao passo que a PBI se constitui como a metodologia escolhida para dar forma à prática de estágio. Ressaltamos que os conhecimentos sobre o desenvolvimento acrescentam contribuições importantes ao campo das psicoterapias breves, uma vez que podem sugerir focos terapêuticos localizados em momentos específicos, e os problemas podem ser identificados não somente em termos de estruturas da personalidade e de sintomas, mas também em termos de falhas para enfrentar os desafios determinados pelo curso do desenvolvimento (OLIVEIRA, 2007, p. 57).

Assim, consideramos como contribuição assumir a PBI com Enfoque Histórico-Cultural como um cenário promotor de novas significações que movimenta os sujeitos em seu processo de desenvolvimento, ou seja, o foco principal na prática é a transformação (ou movimento) do desenvolvimento da criança, para além da queixa e sintomas que são apresentados sobre a criança. O movimento ocorre mediado pela relação dialógica psicóloga(o)/criança, com participação dos responsáveis pela criança, e não tem como princípio a cura e a eliminação de sintomas/queixa, mas a promoção do desenvolvimento e instrumentalização da criança e responsáveis para a consciência sobre esse movimento, limites e potencialidades do desenvolvimento.

Metodologia

As atividades relatadas foram desenvolvidas por um grupo de oito estagiárias do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), supervisionado por uma professora, psicóloga, inscrita no Conselho Regional de Psicologia. As atividades aconteceram no primeiro semestre do ano de 2022, no Núcleo de Práticas Psicológicas (NUPPSI), Serviço Escola de Psicologia. A metodologia do estágio envolveu a prática clínica psicológica infantil, com atendimento individual de duas crianças por estagiária (16 crianças) e supervisão grupal para relato dos casos, discussão e articulação teórico-prática, semanalmente.

O acompanhamento psicológico teve finalidade e tempo determinado, configurando-se como PBI com Enfoque Histórico-Cultural e foi ofertado para crianças com a faixa etária compreendida entre 3 e 12 anos (incompletos). Para Oliveira (2002), a PBI é considerada como

[...] um processo planejado, com foco, objetivo e estratégias terapêuticas estabelecidas a partir de uma compreensão

diagnóstica do caso. [...] Exige do terapeuta uma postura específica, que inclui capacidade de focalização, de atenção e desatenção seletivas e uma atitude mais ativa, sem ser necessariamente diretiva [...]. (OLIVEIRA, 2002, p. 43).

Nesse viés, o processo teve começo, meio e fim, e foi composto, conforme Figura 1, por sessões com crianças e/ou com responsáveis; e sessões com representantes da escola ou instituição de vinculação da criança.

Figura 1. Processo de Psicoterapia Breve Infantil



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O critério de escolha pelo formato de PBI deve-se, em grande parte, pelo formato da atividade de Estágio, que é iniciada, desenvolvida e finalizada em um semestre letivo, com duração máxima de quinze semanas. Considera-se, assim, as condições concretas da instituição que oferece o serviço, chamando atenção para o que nos aponta Oliveira (2002, p. 46): “[...] é preciso considerar a pressão da demanda por atendimento psicológico, especialmente das camadas menos favorecidas da população, e a escassez de recursos para atendê-la [...]”. Desse modo, como primeira experiência, a proposta pode ser considerada como uma experiência-piloto, com o propósito de avaliar a pertinência de manutenção de oferta de tal atividade e apresentar a estrutura dessa atividade para futuras replicações.

O Serviço Escola teve as atividades presenciais suspensas de março de 2020 a fevereiro de 2022, em função da pandemia pelo COVID 19. As inscrições para o atendimento infantil presencial foram realizadas nos meses de fevereiro e março de 2022, totalizando 96 inscritos. Os responsáveis pelas crianças inscreveram-nas no serviço (gratuito), independente de encaminhamento feito pela escola ou outras instituições. Cada estagiária fez contato, por telefone, com os responsáveis, apresentava-se como estagiária, relatava a proposta do acompanhamento com tempo delimitado e, em caso de interesse e disponibilidade, marcava a primeira sessão com responsáveis e criança para uma entrevista.

Não foram estabelecidos critérios de seleção das crianças com relação às queixas, conforme Oliveira (2021, p. 63), que “[...] propõe mudanças técnicas que adaptem o trabalho e tornem possível o atendimento de casos considerados pouco indicados para psicoterapia breve, inclusive de crianças institucionalizadas [...]”; e considera que “[...] mesmo uma criança com distúrbios severos, se não puder receber uma assistência mais abrangente, poderá se beneficiar de um atendimento focalizado em dificuldades específicas [...]” (OLIVEIRA, 2021, p. 56). Assim, todo o planejamento foi feito de forma flexível, caso a caso, levando em consideração os elementos constituintes de cada criança, de cada família e de cada estagiária.

Desenvolvimento, resultados e discussão

A caracterização inicial das crianças atendidas foi traçada a partir das informações contidas na inscrição e (re)apresentadas na entrevista de anamnese. Quanto à faixa etária, as crianças tinham entre 7 e 11 anos de idade, corroborando os dados discutidos por Oliveira (2021, p. 52) sobre as crianças atendidas no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicoterapia Breve (NEPPB): “[...] especialmente crianças mais velhas, em idade escolar, que necessitam de um trabalho que leve

em conta, de maneira mais significativa, sua própria organização psíquica e sua maneira pessoal de organizar as influências que recebe do ambiente familiar [...]", e no nosso caso, a maioria do gênero masculino.

Em que pese o princípio de que cada período de vida, para a Psicologia Histórico-Cultural, depende das condições concretas de desenvolvimento do sujeito, nessa faixa etária, as crianças encontram-se no chamado período escolar, no qual a atividade de estudo é um guia norteador das relações da criança com o mundo, assim como é a base para formações psíquicas (MAGALHÃES, 2018). Desse modo, em cada período, devemos nos atentar às necessidades específicas da criança, considerando o seu período de desenvolvimento e a sua atividade-guia (ou atividade principal) para propostas de intervenção no processo de psicoterapia.

Quanto à origem do encaminhamento, a maioria deu-se por meio de instituições com algum tipo de vinculação com a criança: Unidade Municipal de Acolhimento (UMA), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSia), Conselho Tutelar e Unidade Básica de Saúde (UBS), com queixas relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), dificuldades de aprendizagem, comportamentos opostos, agressivos e autoagressivos.

Os encaminhamentos originados das escolas tiveram como queixa comportamentos ligados à hipótese de Transtorno de Hiperatividade com Déficit de Atenção (TDAH), de TEA e de Transtorno de Ansiedade. As famílias que buscaram espontaneamente o serviço apresentaram preocupações envolvendo ansiedade, atenção, medo e rotina do sono. Sublinhamos, novamente, que os critérios para a seleção da criança para a PBI não foram norteados pelas características da queixa, o que nos aproxima do modelo integrativo ou eclético de PBI delineado por Oliveira (2021, p. 68), segundo o qual "[...] o sucesso terapêutico tem relação com a presença de características relacionais e psicodinâmicas ligadas ao processo, muito mais do que com a categoria diagnóstica à qual o paciente possa pertencer [...]". Assim, o processo foi produzido a partir das possibilidades de cada caso, considerando, por exemplo, um foco específico para a criança com diagnóstico de autismo, outro para a criança institucionalizada em unidade de acolhimento etc.

Na primeira sessão conjunta (responsáveis e criança) foi realizada uma entrevista de anamnese. O propósito investigativo é o diagnóstico do desenvolvimento da criança (e não do sintoma), uma prática que conta com a participação (cri)ativa e crítica da(o) profissional. O foco é entender, além das queixas/sintomas, o significado de cada resposta e relato durante a entrevista, na relação entre esses elementos, em uma tentativa de compreender o desenvolvimento global da criança, com sentido (VIGOTSKI, 1997; SILVA, 2022).

De forma complementar, e não menos importante que a entrevista de anamnese, nessa sessão, buscamos investigar as Situações Sociais de Desenvolvimento da criança por meio de dois recursos: Linha do Tempo de Eventos e Dinâmica Social; e Diário. A Situação Social de Desenvolvimento é assumida como uma relação única, inédita e exclusiva entre a criança e o meio, funcionando como um momento inicial para as mudanças daquele período no qual a criança está. Fruto dessa situação (social), a criança vai se desenvolvendo, constituindo-se enquanto sujeito. Esse conceito conecta dois princípios: o meio como fonte de desenvolvimento e o caminho do social para o individual no processo de desenvolvimento da criança (VERESOV, 2016).

No primeiro recurso, construímos uma linha do tempo com os eventos significativos/dinâmica social correspondentes a cada período da vida da criança, para a apreensão das suas Situações Sociais do Desenvolvimento, como pode ser visualizado no Quadro 1.

Quadro 1. Linha do Tempo de Eventos e Dinâmica Social

Período	Eventos significativos	Dinâmica social envolvida
Nascimento		
1º ano		
2 e 3 anos		
4, 5 e 6 anos		
7, 8 e 9 anos		

10, 11 e 12 anos

Fonte: Elaborado pela autora/supervisora (2022).

O preenchimento do quadro foi realizado pela estagiária durante a sessão, com possibilidade de ser retomado a qualquer momento, pelos responsáveis e/ou pela estagiária. Durante o preenchimento, a estagiária participa com instruções, dicas, sinalizações, a exemplo de: “Como foi o nascimento e os primeiros dias?”; “Quem participava dessa rotina?”; “O que você se lembre nesse primeiro ano?”. O foco está em como se deu cada processo e os personagens envolvidos em cada processo.

Já a construção do Diário explora as Situações Sociais do Desenvolvimento no momento atual do desenvolvimento da criança, sendo composto por um dia da semana e um dia do final de semana, como pode ser visto no Quadro 2.

Quadro 2. Diário

Semana/Final de Semana	Descrição da Rotina
Um dia da semana (situações e dinâmica social)	
Um dia do final da semana (situações e dinâmica social)	

Fonte: Elaborado pela autora/supervisora (2022).

O preenchimento do quadro também foi realizado pela estagiária durante a sessão, com possibilidade de ser retomado a qualquer momento; e a psicóloga/estagiária participa com instruções, dicas, sinalizações sobre eventos desde o despertar até o adormecer. Os quadros dão pistas sobre as condições do desenvolvimento da criança e, especialmente, sobre maneira como a criança se relaciona nessas e com essas condições, para que possamos entender as situações que potencializam e as que impedem ou atrapalham o desenvolvimento da criança, de modo que o planejamento terapêutico seja balizado com esses conhecimentos concretos (SILVA, 2022).

Partindo para a primeira sessão individual com a criança, com o propósito de conhecê-la e acolhê-la, de modo a estabelecer o vínculo, a estagiária apresenta à criança o recurso Linha do Tempo e a proposta da confecção do recurso Caixa Individual. A Linha do Tempo tem como finalidade a interação e possibilita que a criança perceba a dinâmica da psicoterapia breve, com início, meio e fim. Por meio deste recurso, confeccionado pela estagiária para ser usado no final de cada sessão, além de perceber a passagem do tempo, a criança tem participação ativa e realiza algum tipo de registro que representa aquela sessão. O formato e o tema do recurso Linha do Tempo são livres e a estagiária/psicóloga(o) pode confeccionar algo que tenha relação com o interesse da criança, identificado no primeiro contato com responsáveis e criança na realização da entrevista de anamnese. A Figura 2 representa uma Linha do Tempo criada por uma estagiária, considerando o interesse da criança por cachorros, apresentado na primeira sessão durante a entrevista de anamnese.

Figura 2. Linha do Tempo “Cachorro”



Fonte: Registros das sessões (2022).

No final de cada sessão, a estagiária apresentava a Linha do Tempo à criança para o registro e, por meio da mediação da palavra, com a intenção de que a criança ampliasse a sua consciência sobre si própria, explorava o que a criança tinha sido capaz de fazer e sentir durante a sessão, além de relacionar essas atitudes e sentimentos demonstrados nessa sessão com as sessões anteriores. Desse modo, a criança tinha a possibilidade de se perceber como um agente ativo em seu processo de desenvolvimento.

A relação constituída entre a(o) psicóloga(o) e a criança, nas sessões de psicoterapia, é, como em outras situações, uma relação estabelecida entre a criança e o meio, com ampla possibilidade de que o modo como a criança vivencia essa relação tenha impacto em seu desenvolvimento, pois intencionalmente a(o) psicóloga(o) emprega recursos (e/ou técnicas) para avaliar e intervir, tendo como objetivo mais amplo propiciar aspectos do desenvolvimento da criança e promover a sua autonomia naquilo que, inicialmente, precisa de apoio.

Nesse sentido, a sessão psicoterápica pode ser vista como uma situação específica, única e irrepetível, na qual a(o) psicóloga(o), de forma dialógica e dialética, emprega recursos e/ou técnicas com a intenção de mediar o processo de conscientização e emergência de afetos da criança sobre os entraves e potencialidades do seu desenvolvimento. Assim, a sessão funciona como uma situação social de desenvolvimento e funciona como ponto de partida para as trocas dinâmicas que ocorrem no desenvolvimento naquele período de vida da criança.

Nesse contexto, propomos a elaboração da Caixa Individual, também na primeira sessão com a criança. Apresentamos para a criança uma caixa de papelão (caixa de sapato ou similar) e material para que a caixa fosse decorada, quais sejam: recortes de papel de presente, revistas, tesoura, gravuras, cola, lápis de cor, tinta etc. A ideia é que a caixa esteja presente em todo o processo psicoterápico da criança com materiais de uso individual, como massa de modelar, coleção de sucata e grafismo realizado pela criança nas sessões (desenhos, pinturas, modelagens).

A caixa individual é um recurso que conta com a participação da criança em sua decoração, em que ressaltamos a atividade criativa da criança como “[...] uma atividade humana criadora de algo novo, seja ela uma representação de um objeto do mundo exterior, seja uma construção da mente ou do sentimento característico do ser humano [...]” (VIGOTSKI, 1930-2014, p.1). O processo criativo esteve presente na decoração da caixa, quando a criança combinou, criou e ressignificou o material, dando significado e sentido para este enquanto um objeto individual, próprio. Durante o processo de decoração da caixa, a estagiária fez uso de técnicas de mediação da palavra¹ com a intenção de acolher a criança e promover uma relação de confiança e conforto.

No final da fase de investigação, cada estagiária elaborou uma síntese sobre cada criança, na qual constou: data; nome, idade, escola e ano escolar da criança; procedimentos que possibilitaram a síntese (anamnese, sessão com a criança); participantes da entrevista de anamnese; queixa principal e secundária (possíveis sintomas); demanda; aspectos do desenvolvimento que pudessem ser abordados na psicoterapia; necessidade de visita à escola; possíveis encaminhamentos (avaliação neurológica, oftalmológica, atividade física etc).

O exercício de elaboração da síntese possibilitou que as estagiárias relacionassem as partes e o todo, o que propiciou a elaboração de sentidos sobre o desenvolvimento de cada criança, para que o planejamento da intervenção fosse alicerçado na concretude de cada caso, com o referencial teórico-metodológico funcionando como uma lente de leitura das situações, considerando os princípios, os conceitos, as concepções e as técnicas do Enfoque Histórico-Cultural (SILVA, 2022).

A fase intermediária do acompanhamento teve como foco a intervenção, com a intenção de facilitar o desenvolvimento de aspectos que foram identificados como dificuldades na dinâmica da criança, por meio de sessões de brincadeira livre e/ou momentos direcionados, além de sessão de orientação parental. Em alguns casos, surgiu a necessidade de realização de visita à escola.

As sessões livres, mediadas por brincadeiras, são basilares no Enfoque Histórico-Cultural porque nessa atividade podemos esclarecer as necessidades, inclinações, impulsos e motivos da criança (VIGOTSKI, 2008). Como recurso primordial das sessões, a brincadeira livre pode ser analisada e, durante o seu curso, a atenção esteve voltada para linguagem produzida na brincadeira e as demandas que surgiam, sessão a sessão, que direcionavam o planejamento da psicoterapia.

¹ As técnicas para atuação em psicoterapia com Enfoque Histórico-Cultural são caracterizadas de forma detalhada por Clarindo (2020).

Segue trecho do relatório da criança SSN para ilustrar essa fase da PBI:

[...] durante os encontros foi trabalhado com SSN a organização de sua rotina, para que ele conseguisse visualizá-la e entender seu processo de funcionamento. Nos momentos de brincar livre a criança apresentou interesse pelas sucatas de plástico e pela atividade criativa com desenho e pintura; durante as brincadeiras relatava episódios de sua vida e rotina. Nos relatos notou-se a presença frequente do uso do celular, especificamente para o jogo de *Free Fire*, e foi verbalizado por SSN que o melhor momento do dia é quando chega em casa após a escola e vai direto para o celular da mãe brincar com o amigo – “eu me perco nas horas, quando vejo já é tarde, é o momento mais esperado do dia [...]”. (ESTAGIÁRIA DMN).

Assim, durante as atividades de brincadeira, livre ou direcionada, propostas de forma intencional, foram empregadas técnicas de mediação da palavra² com o propósito de mobilizar a criança em seu processo de desenvolvimento, de forma ativa, crítica e consciente.

Durante a supervisão, as estagiárias foram estimuladas a apresentar uma síntese da sessão com ênfase nos recursos/técnicas empregados e atenção ao tema produzido naquela sessão. Pensando no processo contínuo de investigação, as estagiárias identificavam também a dificuldade/conflito apresentado pela criança, assim como os avanços. Diante das discussões, mediadas pelas sínteses das sessões, foram instigadas a refletir sobre o planejamento para a sessão seguinte. O processo coletivo de discussão mostrou-se valioso, com explícitas colaborações das estagiárias no processo de supervisão de cada caso.

As sessões destinadas ao atendimento dos pais/responsáveis (tanto no meio do processo, quanto no final) tiveram o propósito de orientá-los com relação às situações sociais de desenvolvimento, que foram percebidas como facilitadoras ou entreves para questões específicas apresentadas pela criança, conforme pontuam Anauate e Glozman (2017):

[...] estar junto, atento e presente na relação é o principal fator de promoção de desenvolvimento infantil. Pais, familiares e cuidadores bem orientados e comprometidos com o bem-estar de suas crianças serão capazes de promover um adequado desenvolvimento cognitivo, emocional e social [...]. (ANAUATE; GLOZMAN, 2017, p. 53).

Em alguns casos, as sessões tiveram um caráter psicoeducativo, também interventivo, com o foco em um dos princípios do método histórico-cultural, que Vigotski (1984) denominou de “o problema do comportamento fossilizado”, por tratar de comportamentos aprendidos e apropriados naquelas famílias que foram naturalizados e impactavam o desenvolvimento da criança. Concepções e pensamentos despotencializadores sobre a criança, apropriados como verdades absolutas e imutáveis. O trecho abaixo, de um dos relatórios psicológicos, ilustra a presença da orientação e psicoeducação na sessão com responsáveis:

Na quinta sessão que correu a orientação parental foi apresentado pelos pais que KFC não estava frequentando regularmente a escola, queixando se sentir triste para ir à escola, ou as vezes que chegou a ir, não ficava até o final da aula. Informaram, também, uma intensidade das crises de choro, tristeza e humor, principalmente à noite, com medo de dormir sozinho, não dormindo em seu quarto e apresentando ciúmes das relações das pessoas com sua mãe. Os pais apresentaram também a informação de que KFC relatou fingir estar bem para as pessoas ou nos lugares, a exemplo

² Marcação, repetição, pôr verbo, eco emocional, re-expressão, contextualização, instigação, despotencialização, intercurso mutuamente contingente, compreensão empática, nomeação, generalização e focagem (MARANGONI, 2007; LIMA; CARVALHO, 2013).

da psicoterapia. [...] Realizei o acolhimento terapêutico aos pais, frente às nuances que é lidar com a demanda de KFC; psicoeducação acerca de alguns termos que emergiram ao longo do processo (envolvendo o diagnóstico de depressão); sugestão de algumas mudanças da rotina pessoal de KFC e da casa; a orientação da continuidade e importância da frequência regular de KFC na escola; e a instrução de algumas técnicas para trabalhar o diálogo com KFC sobre seus sentimentos e emoções. (ESTAGIÁRIA JGS).

Após ouvir e acolher os responsáveis, as mudanças ocorridas no desenvolvimento da criança até aquela fase da psicoterapia foram relatadas pela estagiária aos responsáveis e, conhecendo minimamente a história do desenvolvimento da criança, foi possível apontar caminhos para a criação de novas situações que provocassem novos comportamentos (envolvendo os comportamentos fossilizados).

Após a sessão de orientação, ocorrida no meio do processo, as sessões individuais com as crianças foram retomadas e, em direção à fase final, a intenção da alta passou a compor as intervenções. Como já sinalizado, em alguns casos, foi necessário contato e visita à instituição escolar, durante o processo, para escuta da instituição (professor/a, coordenador/a ou diretor/a), mediada por um roteiro semiestruturado. Tanto as sessões individuais com pais/responsáveis, quanto as visitas às escolas, foram feitas mediante conhecimento e concordância das crianças.

Na escola, por meio do roteiro, as estagiárias apresentaram o trabalho psicoterápico proposto para a criança, investigaram o tempo da criança naquela instituição, queixas da escola, encaminhamentos feitos, as relações sociais, potencialidades e impressões sobre o desenvolvimento da criança ao longo do período de atendimento em PBI, como pode ser visto neste relatório psicológico:

Na escola foi relatado que a criança tem dificuldade visual e foi sugerido à mãe que buscasse um oftalmologista para averiguação. Foi assinalado que a criança interage pouco, não tem iniciativa, inclusive nos momentos de avaliações, mesmo antes da pandemia. Assim, foi apontada como queixa principal a dificuldade de aprendizagem e a pouca interação. Como qualidades foram apontadas a organização, habilidade artística, maior facilidade com matemática e caligrafia. (ESTAGIÁRIA BKQS).

Além disso, as estagiárias solicitaram uma visita guiada para conhecer todo o espaço escolar e observar algum material da criança (caderno de desenho, caderno de matérias etc). As informações obtidas nas escolas passaram, assim, a compor o caso e também deram pistas para a continuidade das intervenções.

O fim da psicoterapia (sempre sinalizado no instrumento Linha do Tempo, em cada sessão) concretizou-se como tema da última sessão, tanto com a criança, como com os responsáveis, com um tempo destinado à criança para que ela produzisse sobre o que estava sentindo e pensando acerca do processo e do momento de encerramento. O formato (sessões com crianças e responsáveis no mesmo dia ou em dias distintos) e os recursos empregados nesta sessão de encerramento variaram de acordo com o andamento de cada caso e teve um tom de devolutiva, dado por cada estagiária, com uma síntese do processo.

Na última sessão com os responsáveis também puderam ser realizados, além de orientações, encaminhamentos que se mostraram necessários ao longo do processo, tais como avaliação psicodiagnóstica, neurológica, oftalmológica, audiométrica e psicopedagógica, reforço escolar e, em alguns casos, indica-se a manutenção de acompanhamento psicoterápico.

A postura (cri)ativa da estagiária é uma marca do Enfoque Histórico-Cultural, norteada sempre pelas necessidades e motivos da criança atendida. Um exemplo dessa manifestação (cri)ativa pode ser ilustrada no caso da criança ABBS que apresentou, como demanda, uma timidez

extrema, pouca autonomia e baixa autoestima, no entanto, ao longo do processo, com ajuda da estagiária, fez uso de recursos variados, tais como tinta, jogos e brinquedos para se expressar, revelando um rico processo criativo. Na sessão de encerramento, a estagiária propôs à criança a construção de uma moldura para que a esta pudesse colar fotos de suas produções, utilizando caixa de papelão, fotografias e sucata. Foi facultada à criança a possibilidade de levar para casa a produção, com a intenção de dar concretude ao seu desenvolvimento ao longo da PBI, com destaque para a potencialidade do seu processo criativo. Em todos os casos, as crianças puderam também levar para casa a Linha do Tempo e a Caixa Individual, atenuando a marca do encerramento/ruptura e ressaltando o sentido de continuidade e de autonomia.

Considerações Finais

Ressaltamos que a intervenção proposta teve a marca da dialogicidade, com protagonismo da criança, participação da família e com a atuação (cri)ativa das estagiárias; e constatamos a produção de novos significados para as queixas iniciais e a produção de novos sentidos para o desenvolvimento das crianças, considerando as características do desenvolvimento de cada criança e as suas potencialidades. Nas sessões de encerramento, com a criança e com os responsáveis, foram relatadas situações, percepções e sentimentos que corroboram essa constatação.

As sessões de orientação e psicoeducação parental, e as visitas às escolas, foram fundamentais para a compreensão do desenvolvimento da criança e para a fase de intervenção propriamente dita. São procedimentos que refletem o destaque à condição social do desenvolvimento, primordial no Enfoque Histórico-Cultural.

Por fim, a experiência do estágio, no que tange ao planejamento e realização, contou com a base Histórico-Cultural, em termos de teoria e método; e formato breve, mostrando-se factível, em que pese o fato da necessidade de novas experiências para aprofundamento e avanços quanto ao uso de técnicas, articulações teóricas, modalidades grupais etc. À luz do quadro apresentado por Oliveira (2021), com uma síntese das ideias de autores acerca da proposta de Psicoterapia Breve Infantil, a prática desenvolvida no NUPPSI possibilitou o desenho da PBI com Enfoque Histórico-Cultural, conforme Quadro 3.

Quadro 3. Psicoterapia Breve Infantil com Enfoque Histórico-Cultural

Foco	Dinâmica do desenvolvimento da criança, considerando potencialidades e entraves/limites
Objetivos	Transformar o desenvolvimento e ampliar a consciência; potencializar a criança como agente ativo nesses processos
Estratégia	Relação dialógica e mediação da palavra durante atividades (principalmente brincadeira)
Pais	Participação fundamental como responsáveis pela criança e ativos no processo da psicoterapia. Sessões conjuntas na fase inicial e sessões individuais para orientação e psicoeducação
Número de sessões	Média de 12 sessões
Forma de atendimento	Sessões conjuntas criança/responsável, sessões individuais tanto com a criança quanto com os responsáveis

Fonte: Elaborado pela autora a partir de OLIVEIRA (2022).

Evidenciamos, assim, a contribuição deste relato de experiência, que passa a compor as discussões sobre psicoterapia infantil no formato breve, com Enfoque Histórico-Cultural. Além dos atendimentos e supervisões, foi realizada uma reunião da professora supervisora com a coordenadora de saúde mental do município e representantes de serviços que compõem a Rede de Atenção à Criança com a finalidade de apresentar a PBI com Enfoque Histórico-Cultural e articular parcerias futuras.

Referências

- ANAUATE, C. Orientação a pais: Prevenção necessária. In: ANAUATE, C; GLOZMAN, J. (org.). **Neuropsicologia aplicada ao desenvolvimento humano**. São Paulo: Memnon, 2017.
- CLARINDO, J. M. **Clínica histórico-cultural**: caracterizando um método de atuação em psicoterapia. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) – UFCE, Fortaleza, 2020.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Orientações sobre Elaboração de Documentos Escritos Produzidos pela(o) Psicóloga(o) no Exercício Profissional**, Resolução nº 06/19 Comentada, 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/cfp-publica-versao-comentada-da-resolucao-sobre-a-elaboracao-de-documentos-escritos/>. Acesso em: 02 ago. 2022.
- LIMA, P. M. de; CARVALHO, C. F. de C. de. A psicoterapia Socio-Histórica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33 (núm. esp.), 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/V3bMjf9VW6H8sDDRdfNwfDB/>. Acesso em: 07 ago. 2022.
- MAGALHÃES, G. M. Atividade-guia e neoformações psíquicas: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para o ensino desenvolvente na Educação Infantil. **Crítica Educativa**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/354>. Acesso em: 1 jul. 2022.
- MARANGONI, S. de F. S. **A mediação da palavra e do brincar na psicoterapia com crianças**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade São Marcos, São Paulo, 2007.
- MUSSI, R. F. de R.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, Out./Dez. 2021.
- OLIVEIRA, I. T. de. Critérios de indicação para psicoterapia breve de crianças e pais. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 4, n. 1, jun. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1516-36872002000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 maio 2022.
- OLIVEIRA, I. T. de. Psicoterapia Breve Infantil: revisão da literatura e delineamento de modelos de intervenção. **Encontro: Revista de Psicologia**, v. 11, n. 16, 2007.
- OLIVEIRA, I. T. **Psicoterapia Breve Infantil**: Planejamento do processo. 3. ed. Belo Horizonte: Artesã, 2021.
- SILVA, C. V. M. da. **Sentidos teórico metodológicos da Psicologia Histórico Cultural na clínica infantil**. 2022. Relatório (Pós-Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022.
- VERESOV, N. Perezhivanie as a phenomenon and a concept: questions on clarification and methodological meditations. **Cultural-Historical Psychology**, v. 12, n. 3, 2016.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas III**: Problemas del desarrollo de la psique. Visor, 1995.
- VIGOTSKI, L. S. Diagnóstico do desenvolvimento e clínica pedológica da infância difícil [Esquema de investigação pedológica]. In: VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**. Tomo 5 - fundamentos de defectologia. Madrid: Visor y Ministerio de Educación y Ciencia, 1931-1997.
- VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual**

de **Gestão de Iniciativas Sociais**, 1933-2008.

VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, S. P., v. 37, n. 4, dez. 2011.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 1930-2014.

